



Representação Midiática do Movimento Estudantil pela Rede Globo na Minissérie

Anos Rebeldes e na Novela Duas Caras¹

Larissa Santos²

Natássia Ferreira³

Rayane Ataíde⁴

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo: Este artigo tem o objetivo de analisar como a Rede Globo de Comunicação influencia através de suas produções o direcionamento das opiniões a respeito do Movimento Estudantil. Serão analisadas a minissérie Anos Rebeldes exibida pela Rede Globo de Comunicação em 1992 e a novela Duas Caras exibida em 2007 pela emissora. Em diferentes contextos, vamos mostrar como o movimento foi representado nas duas produções e como essa representação influencia na opinião pública sobre os acontecimentos políticos em diferentes épocas.

Palavras-chave: Movimento Estudantil; Rede Globo; pós-modernidade; identidade; representação midiática.

As produções televisivas

A televisão ocupa aproximadamente 97% dos lares brasileiros (Dados Donos da Mídia), estando na frente dos jornais impressos, rádios, revistas e computadores. No Brasil, o Sistema Central de Mídia é estruturado a partir das redes nacionais de televisão, mais precisamente, os conglomerados que lideram as cinco maiores redes privadas (Globo, Band, SBT, Record e Rede TV!) controlam, direta e indiretamente, os principais veículos de comunicação. A Rede Globo é dona de 340 veículos (dados Donos da Mídia) estando à frente do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) com 195, da Rede Bandeirantes (Band) com 166 e da Rede Record com 142 veículos.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduanda do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará. E-mail: larissasaud@gmail.com

³ Graduanda do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará. E-mail: natassiaferreira@gmail.com

⁴ Graduanda do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará. E-mail: rayane_ataide@hotmail.com



As telenovelas ocupam grande parte da grade de programação da Rede Globo. "A rede líder de audiência no Brasil dedicou ao gênero filme a maior parte da programação (24%). A produção própria da emissora concentra-se em dois gêneros, telejornalismo (22%) e novelas (18%)" (ARONCHE, 2004, p83).

Segundo PARAVIDINO, o aparelho televisivo que antes era acessível a poucos, hoje está presente na maioria dos lares brasileiros. Sendo a Rede Globo a líder de audiência, fica indiscutível o grande poder de formadora de opinião que a emissora possui.

Segundo ARONCHE (2004), as telenovelas ainda são muito presentes na vida dos brasileiros. Além de formar opiniões ela também retrata o telespectador nas produções diárias.

A telenovela, ainda o gênero campeão de audiência na televisão brasileira, reflete momentos da história, dita modas, mexe com o comportamento da sociedade, influencia outras artes, presta serviços sociais, enfim, está ligada a vida do brasileiro de todas as idades e faixas sociais. As aferições atuais da audiência revelam a presença cotidiana da telenovela na vida dos brasileiros. O gênero telenovela desafia o conceito de telespectador passivo ou de TV como fonte de alienação, visto que brasileiro percebe que sua vida está retratada nos folhetins diários (ARONCHE, 2004, p 123).

Vários momentos poderiam ser utilizados para exemplificar isso, mas nesse artigo vamos mostrar somente dois em que as produções televisivas foram utilizadas – segundo nossa percepção - para moldar a opinião pública sobre o Movimento Estudantil. O primeiro momento foi o Fora Collor, em 1992. Na época, a rede Globo lançou a minissérie Anos Rebeldes. Protagonizada por João Alfredo (Cássio Gabus Mendes), um jovem de classe média e extremamente preocupado com as questões sociais do país, a minissérie teve 20 capítulos e foi exibida entre 14 de julho e 14 de agosto de 1992. Tamanha foi a repercussão da minissérie que um mês e meio depois, vários jovens foram às ruas pedindo o Impeachment do então presidente, Fernando Collor de Melo, em um movimento que ficou conhecido como Os Caras Pintadas.

Após as descobertas sobre as ilegalidades de Collor, para digamos, “melhorar” a sua imagem, tendo em vista que a Rede Globo apoiava o atual presidente antes das ilegalidades se tornarem públicas, a emissora lançou a minissérie onde o Movimento



Estudantil foi retratado como um exemplo a ser seguido. Várias cenas foram utilizadas para afirmar isso, um exemplo bem claro são as gravações reais em preto e branco da época da Ditadura Militar. Elas mostram os estudantes em passeatas e muitas vezes reprimidos de forma violenta pelos militares.

Além disso, as cenas do personagem João Alfredo, que é um militante assíduo e busca de todas as formas maneiras para acabar com o autoritarismo militar, também contribuem para a construção positiva da imagem do movimento. João é extremista em seus ideais, mesmo assim seu personagem é mostrado como um exemplo a ser seguido pelos jovens brasileiros.

Diferente dele, na novela *Duas Caras* exibida em 2007 pela Rede Globo, Rudolf Stenzel (Diogo Almeida), também militante do movimento estudantil, é muitas vezes caracterizado como baderneiro, “vagabundo”, encrenqueiro e também contraditório em suas atitudes.

A produção, diferente da minissérie *Anos Rebeldes*, trouxe várias cenas que buscavam marginalizar o movimento. O autor da telenovela, Agnaldo Silva, se encarregou de elaborar uma novela que se baseasse na contra-informação, buscando desqualificar qualquer tipo de mobilização dos estudantes com alusões quase que diretas às ocupações que se deram nas universidades de todo o Brasil em contraposição, dentre outras coisas, ao Programa de Apoio de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, o REUNI⁵, lançado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Já nos seus primeiros capítulos, *Duas Caras*, mostrou o conflito entre estudantes e a direção da fictícia universidade particular Pessoa de Moraes. Em função da sucessão ao cargo de reitor da universidade, os estudantes exigiam que após a morte do antigo reitor, deveria abrir-se uma eleição para o cargo. Interinamente, a personagem Branca (Suzana Vieira), viúva e proprietária da universidade passou a ocupar o cargo de reitora. Convidado a ser o novo reitor, o personagem Francisco Macieira (José Wilker) assume a posição. Em contra partida, Os estudantes são mostrado quebrando equipamentos eletrônicos, depredando os laboratórios e salas.

⁵ Segundo o Governo Federal, o REUNI, é um programa que visa expandir de forma significativa as vagas para estudantes de graduação nas universidades federais e busca a permanência desses alunos na educação superior. Mas esse programa não é bem visto por boa parte dos estudantes, que alegam, dentre outros motivos, que apenas o número de alunos iria aumentar, enquanto que o de professores não acompanharia esse ritmo, prejudicando a qualidade de ensino.



Além dessa cena, outras mostram Francisco Macieira afirmando que a solução para a educação brasileira é privatizar o ensino superior.

Movimento Estudantil até o início da década de 90

Pelo menos, desde o século XV, já podemos encontrar traços de movimentos estudantis. Na Universidade de Paris, uma das mais antigas da Europa, houve vários momentos grevistas importantes. Entre 1443 e 1445 ocorreram duas graves em defesa de suas isenções fiscais. Em 1446, quando Carlos VII submeteu a Universidade à jurisdição do Parlamento parisiense, eclodiram revoltas estudantis contra a supressão da autonomia universitária em termos penais e a submissão da Universidade ao Parlamento.

No Brasil, desde o período colonial os jovens que estudavam na Europa, já se engajavam na luta pela Independência do Brasil e nas Inconfidências Mineira e Baiana. Com a criação da primeira faculdade brasileira, a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, o Movimento Estudantil deu o primeiro passo para seu desenvolvimento, e logo se envolveu com as campanhas pela Abolição da Escravatura trouxeram para o país influências iluministas, racionalistas e das revoluções burguesas, participando ativamente das lutas de classes em nosso país, ideias essas que repercutiram diretamente durante a Ditadura Militar.

Com a criação de inúmeras faculdades e universidades no final da década de 1950, o Movimento Estudantil brasileiro começou a crescer e se transformar em um importante foco de mobilização social.

Durante a Ditadura Militar, as autoridades reprimiram as lideranças estudantis e desarticularam as principais organizações representativas, primeiramente a União Nacional dos Estudantes (UNE) foi posta na ilegalidade, depois as Uniões Estaduais dos Estudantes (UEEs) e os Diretórios Centrais dos Estudantes (DCEs). Nessa época, participar do movimento estudantil era, acima de tudo, correr riscos, risco de vida e especialmente de perder a liberdade. A união dos estudantes era o caminho encontrado por muitos para dar forças a seus ideais e reivindicar uma sociedade mais justa e igualitária.

A primeira luta importante se deu no ano de 1966 contra os acordos MEC/USAID e posteriormente contra a Lei Suplicy de Lacerda.



Em 1968 aconteceu a maior rebelião estudantil da história do Brasil, quando os estudantes secundaristas se engajam com mais vigor. No dia 28 de março, estudantes que almoçavam no refeitório estudantil Calabouço, no centro do Rio de Janeiro, iniciaram um protesto contra o aumento do preço das refeições. A polícia interveio invadindo o refeitório, o que fez os estudantes reagirem com pedras, paus, pratos e talheres. Os policiais atiraram contra os estudantes e feriram fatalmente o secundarista paraense Edson Luís, de 18 anos.

Em junho ocorre a histórica manifestação dos cem mil, cujo slogan era “Abaixo a Ditadura.” E cuja passeata reuniu artistas, estudantes, jornalistas e a população geral em manifestação contra os abusos militares.

Milhares de estudantes foram para a luta armada nas guerrilhas urbanas e rurais, como a Guerrilha do Araguaia. Mas, infelizmente a partir do final da década de 1970 o movimento sofre com a desarticulação devido ao desmantelamento das organizações que lideravam a luta armada.

Os estudantes retornam às ruas a partir de 1984 com o movimento pelas “Diretas já” e com o Movimento dos Caras Pintadas exigindo o impeachment do então Presidente da República, Fernando Collor de Mello.

Movimento Estudantil hoje. Na Era do Triunfo da Pós-modernidade

O Ambiente pós-moderno significa basicamente isso: Entre nós e o mundo estão os meios tecnológicos de comunicação, ou seja, se simulação. Eles não nos informam sobre o mundo; eles refazem à sua maneira, hiper-realizam o mundo, transformando-o num espetáculo (SANTOS, 1986, p13)

A partir do século XX, uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação vem ocupando o cotidiano do homem moderno. Um novo sistema de comunicação busca falar uma língua universal digital e procura promover a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens personalizando-os ao gosto das identidades. O crescimento das redes interativas de computadores está criando novas formas e canais de comunicação, buscando moldar a vida dos indivíduos, ao mesmo tempo em que a própria população está sendo moldada por elas.

O processo de globalização tem estreitado cada vez mais as relações entre os países do planeta, o próprio capitalismo passa por uma fase de reestruturação,



caracterizado dentre outras coisas, por uma maior flexibilidade de gerenciamento; individualização e diversificação cada vez maior nas relações de trabalho; considerável fortalecimento do papel do capital e o declínio da influência dos movimentos dos trabalhadores, além de aumento da concorrência econômica global.

Ao mesmo tempo em que ocorre essa revolução tecnológica, as sociedades vem sofrendo muitas mudanças, dentre elas, a condição feminina tem se modificado fazendo as mulheres ganharem um espaço de mais visibilidade; os sistemas políticos mergulham em uma crise de legitimidade, pois estão periodicamente arrasados por escândalos e dependendo da cobertura midiática e liderança personalizada.

As mudanças também ocorrem quando se fala em movimentos sociais, pois estes se encontram na maioria das vezes fragmentados, com pouco objetivos, como é o caso do movimento estudantil brasileiro na atualidade. Com toda essa chamada “pós-modernidade”, onde os indivíduos lutam por questões individuais, se esquecendo do coletivo, o movimento estudantil se encontra desarticulado, normalmente lutando por pequenas causas. Um exemplo dessa desarticulação poderia ser a própria questão de muitos Centros Acadêmicos das universidades não estarem vinculados diretamente ao Diretório Central dos Estudantes (DCEs), usando suas influências para, na maior parte das vezes, conseguirem melhorias apenas para seus respectivos cursos e não para a universidade em geral.

As mudanças sociais são tão drásticas quanto os processos de transformação tecnológica e econômica (...) Os movimentos sociais tendem a ser fragmentados, locais, com objetivos únicos e efêmeros, encolhidos em seus mundos interiores ou brilhando por apenas um instante em um símbolo da mídia. Nesse mundo de mudanças confusas e incontroladas, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais. (CASTELLS, 1999, p 22 e 23)

A partir daí, é importante falar um pouco da questão da identidade. Segundo o sociólogo espanhol, Manuel Castells, identidade é “o processo pelo qual o ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla e outras estruturas sociais”. Analisando esse conceito, poderíamos distinguir três concepções diferentes de identidade: o Sujeito do Iluminismo, o Sujeito Sociológico e o Sujeito Pós-moderno.



O Sujeito do Iluminismo está baseado na concepção de indivíduo centrado, unificado, dotado de capacidades de razão, de coerência e de ação. A noção de Sujeito Sociológico se baseava na junção de forças com outras pessoas que mediavam para o sujeito valores, sentidos e símbolos, pois surgia a consciência de que o sujeito não era autônomo e auto-suficiente. Utilizando as telenovelas estudadas no trabalho, essa questão do Sujeito Sociológico se torna visível na minissérie Anos Rebeldes, onde os estudantes do colégio Pedro II se uniam no combate a Ditadura Militar. Esse Sujeito se encontra também muito visível nos estudantes de 1968, quando eles uniam forças em prol de uma sociedade mais justa e igualitária.

O Sujeito Pós-moderno se baseia na fragmentação de identidade. Esse sujeito passa a não ser composto apenas por uma, mas por várias identidades, que algumas vezes podem até ser contraditórias entre si. Isso poderia ser exemplificado pelos estudantes de hoje, onde cada vez mais lutam por pequenas causas. Na novela Duas Caras, se via perfeitamente a desarticulação do movimento de estudantes, onde dava-se visibilidade, além da questão de classes, a questão étnica, visto que, Rudolf Stenzel (Diogo Almeida), protagonista das “lutas” da universidade particular Pessoa de Moraes, era um rico que se dizia pobre e tinha vários conflitos por achar que na maior parte do tempo estava sendo discriminado por ser negro.

A identidade está se tornando a principal e, às vezes, única fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimando as instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras (Castells, 19, p 3)

A partir das identidades, as pessoas passam a organizar seus significados não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são. Enquanto isso, as redes globais conectam e desconectam pessoas, grupos, regiões e até países em fluxo contínuo de decisões estratégicas. Quando a comunicação se rompe, mesmo que seja uma comunicação conflituosa, surge uma diferenciação tão grande entre os grupos, que os mesmo passam a considerar o outro como um estranho, e finalmente uma ameaça, como é o caso da União Nacional do Estudantes (UNE), que devido ao seu caráter atual, atrelada ao governo, não mais os representa e conseqüentemente entra em conflitos com a maioria dos DCEs de todo o país.



Na minissérie Anos rebeldes a entidade é representada com muita idolatria, assim como todo o movimento estudantil.

Referências

ARONCHI, José Carlos. **Gêneros e Formatos da Televisão Brasileira**, 2004

AUGÉ, Marc. Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao essencial do amanhã. In: MORAES, Denis de. (Org). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. pp 99 a 117

BAUMAN, Zigmunt. Individualidade. In: BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. pp 64 a 106

SANTOS, Jaie Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo, 1986

SANTOS, Milton. Uma Globalização Perversa. In: SANTOS, Milton, **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. pp 37 a 78

SODRÉ, Muniz. O ethos midiaticado. In: SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. pp 11 a 53

Site “Donos da Mídia”, <http://www.donosdamidia.com.br>, acessado em: 15 de maio de 2010.

Site “Observatório da Imprensa”, <http://www.observatoriodaimprensa.com.br>, acessado em 20 de maio de 2010.

PARAVIDINO, Flávia Vasconcelos. A educomunicação na televisão brasileira e seu auto-reflexo educacional, http://www2.metodista.br/unesco/1_Celacom%202010/arquivos/Trabalhos/9-A%20educomunica%C3%A7%C3%A3o%20na%20televis%C3%A3o_FlaviaVasconcelos.pdf , acessado em 10 de julho de 2011.